

Notas sobre o ensino de filosofia como problema filosófico

Notes on teaching philosophy as a philosophical problem

Patrícia Del Nero Velasco

Doutora em Filosofia – PUC-SP;
Professora Adjunta do Centro de Ciências
Naturais e Humanas da UFABC.
São Paulo, SP – Brasil
patricia.velasco@ufabc.edu.br

Resumo

Tradicionalmente estabeleceu-se uma dicotomia entre o que se entende por filosofia, o “que” se deve ensinar e o “como” se ensinar. Haveria, pois, uma ordem filosófica (determinada pelas temáticas e pelos conteúdos) e outra ordem pedagógica (marcada pelas metodologias e pelas didáticas), cuja junção garantiria o ensino filosófico. Este, por sua vez, abordado como questão educacional e não como problema de investigação filosófica. O presente artigo junta-se às demais reflexões que, contrárias à perspectiva supracitada, buscam discutir filosoficamente o ensino de filosofia. Especificamente, as linhas que seguem têm como objetivo apresentar alguns argumentos que procuram justamente fundamentar essa perspectiva, a saber, a de defender o ensino de filosofia como problema filosófico.

Palavras-chave: Ensino de filosofia. Problema filosófico. Professor-filósofo.

Abstract

It was traditionally settled a dichotomy between what is meant by philosophy, “what should” be taught and “how” to teach it. There would be a philosophical order (determined by the themes and contents) and a pedagogical order (marked by the didactic activities), and their connection would guarantee the philosophical teaching. This teaching is discussed as an educational issue and not as a problem of philosophical inquiry. This article joins other considerations that, in opposition to the above perspective, seek to discuss philosophically the teaching of philosophy. Specifically, the lines that follow are intended to present some arguments that justify this perspective: to defend the teaching of philosophy as a philosophical problem.

Key words: Philosophical problem. Teacher-philosopher. Teaching Philosophy.

Várias são as questões a serem investigadas quando se trata de buscar uma fundamentação filosófica do ensino de filosofia: seria este ensino um problema filosófico? Existem problemas de natureza filosófica? O que há – se há – de filosófico no ensino de filosofia? Certamente não caberia no escopo de um artigo como este uma resposta satisfatória para os referidos questionamentos. Logo, o objetivo deste texto é tão somente aprofundar e dar densidade filosófica a uma das perguntas supra-mencionadas: o ensino de filosofia pode ser considerado um problema filosófico? A reflexão procedente, embora não se pretenda conclusiva, aponta alguns argumentos que tornam possível responder afirmativamente a questão posta.

Há uma tradição universitária de se valorar, de modo diferente, os cursos de licenciatura e bacharelado em filosofia, priorizando-se este em detrimento daquele. Todavia, “A prática educativa tem sido inerente à filosofia ao longo da história; em nome de que a desprezamos, quando se trata de formar o professor de filosofia? Será essa uma ‘tarefa menor?’” (GALLO, 2004, p. 10). O presente artigo compartilha o questionamento de Gallo, inserindo-se no movimento identificado pelo autor de refletir sobre o ensino de filosofia sob uma perspectiva filosófica:

Nos últimos anos os filósofos professores de Filosofia brasileiros vêm se preocupando com questões como essas. Trata-se, quer me parecer, de um movimento de pensar filosoficamente o ensino da Filosofia. Um movimento em que os filósofos têm tomado para si a responsabilidade de pensar a prática docente, em seus vários níveis (GALLO, 2004, p. 10).

A temática do ensino de filosofia foi usualmente tratada como uma questão educacional e, como tal, pesquisada por pedagogos e filósofos da educação. Pode-se afirmar que somente a partir da última década o ensino de filosofia passou propriamente a figurar como problema de pesquisa filosófica.

Ainda assim, a busca pelos sentidos do ensino de filosofia muitas vezes fica restrita ao discurso apaixonado que defende a “beleza em si” da filosofia; igualmente, por vezes as discussões nesta área contentam-se com a visão simplista e reducionista segundo a qual “o filosofar desenvolve o senso crítico do educando”. Ademais, as possibilidades de pesquisa sobre ensino de filosofia ainda são facilmente identificadas de modo dicotômico: por um lado encontram-se as reflexões sobre a pertinência deste ensino e as discussões sobre os conteúdos a serem ministrados, consideradas como problemas de ordem filosófica; de outro

lado, estudos sobre metodologias e didáticas permanecem avaliados como de ordem pedagógica.

Notamos nesse contexto uma escassez de pesquisas que problematizem a relação do filósofo com a tarefa que lhe é confiada: ser professor de Filosofia, a não ser quando o entendimento do ser professor de Filosofia está vinculado à escolha dos métodos e conteúdos a serem ensinados e ao entendimento da importância do ensino da Filosofia. Talvez isso tenha reafirmado um posicionamento pedagógico a partir de uma problematização educacional dos métodos e conteúdos e de um posicionamento filosófico sobre a importância desse ensino (GELAMO, 2010, p. 345).

Nesse sentido, observa-se a necessidade de que as pesquisas sobre ensino de filosofia problematizem a sua própria práxis. O diálogo possível entre filosofia e sala de aula precisa ser construído a partir de fundamentos teóricos sobre a identidade da filosofia e do filosofar, a função e a finalidade da disciplina em questão, “o que” ensinar e “como” fazê-lo, as relações entre a filosofia e sua história e, igualmente, sobre as relações entre filosofia e educação. Faz-se necessária, pois, uma filosofia do ensino de filosofia.

Mas, alguns objetariam, pode-se considerar o ensino de filosofia como objeto de investigação filosófica? Segundo Kohan (2000, p. 25):

Há diversas razões que nos levam a pensar que o ensino de filosofia faz parte da própria filosofia. Uma delas é a importância que, para o ensino de filosofia, têm algumas perguntas filosóficas como: “o que é a filosofia?”, “o que significa pensar?” e “para que ensinar/aprender?”. Pelo menos, parece claro que não é possível ensinar filosofia sem ensinar alguma filosofia (sem afirmar uma certa figura positiva da filosofia); também não é possível fazê-lo sem habitar certo espaço para o pensamento e sem configurar determinados sentidos para seu ensino e sua aprendizagem.

Defende-se, portanto, que há determinadas fundamentações teóricas imprescindíveis ao trabalho de ensinar/aprender a filosofar. Há, igualmente,

“perguntas filosóficas” que perpassam e embasam o ensino em questão, perguntas-problemas que, para Saviani (1996, p. 10), constituem o próprio objeto da filosofia, “[...] aquilo de que trata a filosofia, aquilo que leva o homem a filosofar: são os problemas que o homem enfrenta no transcurso de sua existência.” Cabe, pois, à filosofia investigar de modo reflexivo, profundo, sistemático e crítico sobre temas fundamentais ao ser humano – problematizando-os, buscando seus fundamentos, conferindo-lhes sentido: significado e direção.

Assim sendo, para uma mesma resposta à pergunta-cerne deste artigo – sim, o ensino de filosofia pode ser filosoficamente problemático – dois serão os argumentos aqui propostos. Um deles embasado nas fundamentações teóricas pressupostas no ensino de filosofia; o outro decorrente do nosso cenário educacional: o ensino como um problema a ser enfrentado e, como tal, objeto de estudo da própria filosofia.

O primeiro argumento em prol da referida tese, como mencionado, sustenta-se nos pressupostos do ensino de filosofia. Tem-se, em linhas gerais, a seguinte estrutura argumentativa: ensinar filosofia requer uma prévia atitude filosófica de reflexão e decisão sobre conteúdos e sobre as maneiras de transmissão de tais conteúdos; ademais e conjuntamente, faz-se necessário o comprometimento com o que é que se entende por filosofia. Se a identificação do que é filosofia já é um problema filosófico, o ensino de filosofia igualmente o será. Nesse sentido,

[...] para levar adiante a tarefa de ensinar filosofia, uma série de decisões devem ser adotadas. Decisões que são, em primeiro lugar, filosóficas, para em seguida – e de maneira coerente com elas – elaborar os recursos mais convenientes para tornar possível e significativa aquela tarefa (CERLETTI, 2009, p. 9).

As discussões sobre o ensino de filosofia são sempre realizadas por uma (ou mais) perspectiva(s) filosófica(s) e a docência não escapa a esta(s):

[...] a reflexão sobre o ensino de filosofia será sempre, evidentemente, uma tarefa filosófica – ou, para fugir do lugar comum, que qualquer reflexão sobre o ensino de filosofia estará sobre determinada por *uma* perspectiva filosófica ou pelo confronto entre vários caminhos distintos da reflexão filosófica. Essa constatação, aqui recorrente, pode parecer trivial, mas carrega uma exigência nem sempre contemplada

no debate sobre o ensino de filosofia: é por demais ingênuo falar “do” ensino “da” filosofia como se estivéssemos para além dos confrontos teóricos subjacentes à discussão filosófica. Entretanto, tudo se passa como se, por se tratar de assunto relativo a questões “elementares” da filosofia, a uma sua introdução, não precisássemos descortinar senão obviedades facilmente comungáveis por todos os interessados, ou, em caso contrário, respeitosa e aceitas por alguma estabilidade consagrada. Mas um problema didático-pedagógico básico balança, de imediato, essa crença inicial: no ensino, deve-se assumir, desde o início, as preferências teóricas ou tentar ser o mais imparcial possível, defendendo, por exemplo, que se seja platonista ao ensinar Platão e nietzscheano ao ensinar Nietzsche? Ora, as duas opções envolvem riscos nada triviais, e é importante notar que o professor imparcial apenas transfere para outro nível suas opções teóricas, através da necessária seleção curricular, que envolve sempre escolhas e ênfases (CEPPAS, 2004, p. 3549-3550, grifo do autor).

Desta maneira, a deliberação sobre os conteúdos programáticos a serem ministrados e as metodologias a serem utilizadas estão imbuídas de pressupostos filosóficos. Dada a diversidade de respostas para “Que é filosofia?”, igualmente diferentes serão os significados e as direções do ensino de filosofia. Qualquer que seja a identidade da filosofia, a determinação do que se ensina e de como se o faz – em nome desta (seja ela qual for) filosofia – não pode ser realizada exclusivamente a partir do campo da didática. Há, sim, que apresentar uma fundamentação filosófica para a questão posta.

A título de ilustração, consideremos algumas possibilidades de resposta ao “Que é filosofia?”: filosofia é uma reflexão profunda, metódica e abrangente sobre problemas (como defende Saviani em *Educação: do senso comum à consciência filosófica* [1996]); filosofia é a atividade de criação de conceitos (é inevitável aqui a menção à definição de Deleuze e Guattari em *O que é a filosofia?* (1992); filosofia é o esforço de re-significar a existência humana (e compartilham dessa ideia Lorieri e Rios (2008), Chauí (1995), Severino (2005), ente outros); filosofia é a busca da felicidade (como enuncia Epicuro em sua *Carta sobre a felicidade* [2002]). Não seria razoável supor que cada resposta dada exigiria didáticas e metodologias diferentes? Ou a filosofia entendida como vida feliz será ensinada tal como a filosofia compreendida como criação de conceitos? Portanto, defende-

se, tal como Alejandro Cerletti (2009, p. 18) que “[...] o tipo de vínculo que se estabelece com a filosofia é substancial a todo ensino”. E, nesse sentido, o ensino de filosofia pode ser considerado um problema filosófico.

O segundo argumento que sustenta a mesma tese pode ser deduzido da ideia de problema filosófico, o qual, segundo Saviani (1996), é caracterizado tanto por uma necessidade (subjéctiva) de afrontamento quanto por uma delimitação objetiva: as condições históricas, sociais, culturais que permitem a identificação do mesmo e, igualmente, oferecem a base a partir da qual as possíveis soluções serão pensadas.

Para Rocha (2008, p. 127), “Os problemas da filosofia se apresentam sempre que na cultura há uma situação que nos permite avaliar nossos critérios, nossos conceitos e limites mais fundamentais.” Este posicionamento é compartilhado por Lorieri (2002), o qual caracteriza os problemas filosóficos como aqueles que exigem uma posição frente a temas fundamentais, como: a verdade, o conhecimento, o ser gente, a realidade, a natureza, a moral, a justiça, o belo, o pensamento etc. Assim, a filosofia se debruça sobre questões que:

[...] nos pedem posicionamentos amplos e, ao mesmo tempo, significativos, de tal forma que ofereçam sentidos, quer como grandes explicações, quer como rumos de vida ou direções. Podemos chamar esses posicionamentos de referências, de princípios, de significações (LORIERI, 2002, p. 35).

Uma vez que a filosofia nos exige posicionamentos acerca de problemas e estes são caracterizados por situações de impasse, nas quais se faz necessária a avaliação de critérios, fundamentos, conceitos e práticas, pergunta-se: não nos encontramos, hoje, diante da necessidade de repensar os fundamentos e as práticas (justificativas, conteúdos, metodologias, didáticas) do ensino de filosofia? Responder afirmativamente a essa questão implica na consequente aceitação do ensino de filosofia como filosoficamente problemático.

Segundo Gelamo (2009, p. 29): “[...] o filósofo é problematizado pela contingência de seu próprio presente e pelo fazer filosófico em seu dever de ofício: ser professor.” E, tal qual o referido autor, poderíamos nos perguntar:

Qual é então esse lugar e esse presente que é preciso problematizar como professor e como filósofo? Parece-nos que esse lugar não pode

ser outro que não a sala de aula. Lugar onde o ensino da Filosofia se efetua na atualidade. Assim, pensar os problemas do ensino da Filosofia seria pensar os problemas a partir das relações que ocorrem na imanência da sala de aula (GELAMO, 2009, p. 111).

São diferentes as condições de aula, singulares são os interlocutores. Por isso, igualmente distintas são as decisões filosóficas tomadas pelos professores, as quais deveriam ter como base as inquietações destes. Assim sendo, “[...] é importante que o professor de filosofia seja, em algum nível, filósofo, para que a aula de filosofia seja um local de atividade filosófica” (GALLO, 2005, p. 286).

Cabe ao professor de filosofia trabalhar os conteúdos filosóficos de modo a não meramente reconstituir em sala de aula os problemas postos pelos filósofos clássicos, mas, mormente, apropriar-se destes, provocando e convidando ao pensar. Neste contexto, os problemas passariam a ser, também, problemas “próprios”, experienciados “com” os autores. Um ensino que se pretende filosófico será:

[...] aquele em que o filosofar é o motor de tal ensino; e que, enquanto atividade própria da filosofia, esse ensino enlaça o *fazer filosofia* com o sentido de sua transmissão. Na medida em que o filosofar se sustenta na tensão da pergunta filosófica, consideramos que um curso *filosófico* deveria ser aquele no qual essa tensão pode ser atualizada de maneira fecunda (CERLETTI, 2009, p. 21).

Ao conceber o ensino como enlace do “fazer filosofia com o sentido de sua transmissão”, passa-se a pensar o ensino articulado com a formação e a pesquisa filosófica – diminuindo a dicotomia disseminada no senso comum (e no meio acadêmico!) entre o professor de filosofia e o filósofo, entre aquele que transmite conceitos e problemas filosóficos e aquele que os produz.

Ao problematizar a sua práxis e assumir o ensino como momento de produção filosófica, o professor-filósofo abre-se à possibilidade de pensar o tempo presente. E garante o próprio ensino de filosofia:

[...] para além de um enciclopedismo pedante e paralisante, além de não criativo, e para além de tomar a filosofia como mero instrumento de uma profissionalização para o “mercado”, esse ícone de

nosso tempo, [afirmamos que] o ensino de filosofia será filosófico, ou não o será de forma alguma (GALLO, 2002, p. 208).

Referências

- CEPPAS, F. Re-introduzindo a questão sobre a justificação do ensino de filosofia. In: *Anais do XII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino* (ENDIPE). Curitiba, 2004, p. 3537-3552.
- CERLETTI, A. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Ensino de Filosofia).
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade (A Meneceu)*. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- GALLO, S. Filosofia no Ensino Médio: em busca de um mapa conceitual. In: FÁVERO, A. A.; RAUBER, J. J.; KOHAN, W. O. (Org.). *Um olhar sobre o ensino de filosofia*. Unijuí: Editora UNIJUÍ, 2002. p. 189-208.
- _____. Apresentação. In: GALLO, S.; DANELON, M.; CORNELLI, G. (Org.). *Ensino de Filosofia: teoria e prática*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, p. 9-12.
- _____. Filosofia e educação: pistas para um diálogo transversal. In: KOHAN, Walter (Org.). *Ensino de filosofia: perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 277-288.
- GELAMO, R. P. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- _____. O ensino de filosofia no Brasil: um breve olhar sobre algumas das principais tendências no debate entre os anos de 1934 a 2008. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 24, n. 48, p. 331-350, jul.-dez. 2010.
- KOHAN, W. O. Fundamentos à prática da filosofia na escola pública. In: KOHAN, W. O.; LEAL, B.; TEIXEIRA, A. (Org.). *Filosofia na escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 21-73.
- LORIERI, M. A.; RIOS, T. A. *Filosofia na escola: o prazer da reflexão*. São Paulo: Moderna, 2008.
- ROCHA, R. P. *Ensino de Filosofia e currículo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- SEVERINO, A. J. A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial. In: KOHAN, W. (Org.). *Ensino de Filosofia: perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 183-194.

recebido em 30 abr. 2011 / aprovado em 23 jun. 2011

Para referenciar este texto:

VELASCO, P. D. N. Notas sobre o ensino de filosofia como problema filosófico. *Dialogia*, São Paulo, n. 13, p. 27-34, 2011.